

Entrevista:

Lucas Cestaro

Arquiteto e Urbanista, doutor em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU-USP, professor da Faculdade de Engenharia, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Metodista de Piracicaba, Rodovia Luís Ometto Km 24 - SP 306, Santa Bárbara d'Oeste, SP, CEP 13451-900, (19) 3124-1777, lucas_cestaro@uol.com.br

Revisão:

Maria Adélia de Souza

Em nossa pesquisa para o doutorado empregamos a realização de entrevistas com atores envolvidos no processo que consistia o objeto de estudo, como uma ferramenta para aprimorarmos o acesso as informações e dados a serem elucidados. Estudamos a atuação de Lebrete e da SAGMACS no Brasil, no período de 1947 até 1964, numa tentativa de elucidar as ideias, os planos e as contribuições trazidas pelo grupo de Economia e Humanismo, para o campo do planejamento urbano e regional nas décadas de 1950 e 1960.

* Maria Adélia Aparecida de Souza - Geógrafa pela FFLCH USP 1962, equipe da SAGMACS (escritório de São Paulo) 1960-1963, aluna do IRFED 1963-1964. Entrevista realizada em 2 de abril de 2014, sobre sua atuação junto aos quadros da SAGMACS e formação no IRFED. Transcrição revisada e autorizada pela depoente em dezembro de 2015.

A SAGMACS atuou no Brasil sob a supervisão de Louis-Joseph Lebrete, tendo escritórios nas cidades do Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte e São Paulo, principal sede, que concentrava a maior quantidade de técnicos e profissionais e também os principais membros da diretoria da equipe.

Em 1960, o grupo passou a ser uma cooperativa de técnicos, e ganhou novos atores envolvidos em sua equipe. Entre eles estava Maria Adélia Aparecida de Souza, estudante do segundo ano do curso de Geografia na Faculdade de Filosofia da USP. Conforme apuramos, Maria Adélia participou de ao menos cinco trabalhos junto da equipe da SAGMACS, entre os quais o Plano Diretor de Barretos e Sorocaba, ambos concluídos em 1963 e do estudo para o Programa de Desenvolvimento do Estado do Paraná, no governo de Ney Braga (1961-1965).

Em 1963 seguiu para Paris para estudar Planejamento Territorial com Lebrete no *Institut de Recherche et*

Formation pour Économie et Développement – IRFED, instituição também vinculada ao grupo de Economia e Humanismo da França, voltada para a formação de técnicos de países do Terceiro Mundo para implementação de políticas para o desenvolvimento. Em Paris, conviveu mais próxima do Frei Dominicano Lebrete e o acompanhou durante o tratamento de saúde que o levou a morte em 1966 no *Hopital d'Alesia*.

Também em Paris desenvolveu sua pesquisa de Mestrado, na *Université de Paris*, sob a orientação do economista brasileiro Celso Furtado. Obteve o título de Mestre com a dissertação “Paraná: quadro geográfico, econômico e histórico da urbanização” em 1967, quando retornou ao Brasil, passando a construir uma carreira voltada tanto para a pesquisa e docência, quanto para a prática em planejamento no Brasil, com atuação junto ao Serviço Federal de Habitação e Urbanismo – SERFHAU. Em 1975 defendeu a tese de doutorado “Ville/Region – Propositions Méthodologiques” sob orientação do geógrafo francês Michel Rochefort na *Université Paris I*.

Nesta entrevista, a geógrafa e professora Maria Adélia de Souza nos conta sobre sua vinculação junto a equipe da SAGMACS, sua relação com Lebrete e os demais membros do grupo e a importância que o IRFED teve em sua formação de planejadora. Também expõe o pioneirismo presente em sua atuação profissional e acadêmica, e seu papel de pensadora crítica sobre os problemas que afligem o campo disciplinar do planejamento urbano e regional no Brasil.

Maria Adélia é professora emérita da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP desde 1996, onde segue orientando pesquisas de pós-graduação. Na USP, foi a primeira mulher a ocupar o cargo de prefeita do *campus*, entre os anos de 1983 e 1986, tendo também atuado junto a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e no assessoramento da administração superior da universidade, como Chefe de Gabinete do Reitor, durante a gestão do Prof. Flávio Fava de Moraes. Na Universidade Latino Americana, criada em 2010, foi a primeira Pró-Reitoria de Graduação (2011/2012). Além disso, atuou como pesquisadora nas Universidades de Buenos Aires, de Paris I, na UFSC, UFRN e na PUC de Campinas.

Lucas Cestaro Para iniciarmos seria importante a senhora expor sua trajetória pessoal e a formação profissional, para entendermos como é que se deu sua vinculação com o Padre Lebret, o Movimento Economia e Humanismo e sua atuação na equipe da SAGMACS. Muitos dos que tiveram posição de destaque ali eram católicos, foram da JUC. A senhora tem esta origem também? Entrevista com Maria Adélia Aparecida de Souza sobre sua atuação junto aos quadros da SAGMACS e formação no IRFED. Transcrição revisada e autorizada pela depoente em dez. 2015.

Maria Adélia de Souza Eu era da JUC (Juventude Universitária Católica) e foi aí que eu conheci essas pessoas do movimento Economia e Humanismo, o Francisco Whitaker Ferreira e o Pedro Calil Padis. O Calil, como o chamávamos, tinha feito Economia na USP e era meu colega. Eu o conheci ainda como estudante da graduação de Geografia e frequentávamos algumas disciplinas que eram ministradas na sede da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas que funcionava na rua Maria Antônia, de saudosa memória! E, a Faculdade de Economia funcionava na rua Dr. Vilanova, mas o pátio de ambas as faculdades era comum e a frequência ao Grêmio da Filosofia, também. Nesse pátio fazíamos nossas assembleias estudantis, por vezes invadidas pelos estudantes do Mackenzie!

Foi nesse contexto que conheci meu querido amigo Pedro Calil, e também em reunião de estudos da JUC, quando eu comecei a me interessar pela questão do planejamento. Calil já era da SAGMACS

(Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais), e me convidou para fazer um estágio lá, vendo esse meu interesse. Ele, então, me disse que como eu estava no segundo ano de Geografia seria bom tentar fazer um estágio lá com eles.

Na época eu nem sabia o que era a SAGMACS, apesar de eu ser da JUC. Então foi Pedro Calil, que já trabalhava lá na SAGMACS, quem me levou para ser estagiária, em 1960. Assim comecei a aprender a fazer tabelas, cálculos de porcentagem, com umas maquininhas engenhosas, onde a lida com uns pequenos pinos e o rodar de uma pequena manivela, nos revelava o cálculo... Aprendi também a lidar com mapa, fazer cartografia temática...

Sou eternamente devedora da SAGMACS, pois ali eu fui estagiária. Os estagiários eram carinhosamente chamados pela equipe técnica da SAGMACS de "bagrinhos".

Assim, fui "bagrinho" de Flávio Villaça e de Luiz Carlos Costa arquitetos e urbanistas de enorme competência.

Trabalhando com eles na SAGMACS eu constatei que o ensino e a Geografia praticada em São Paulo, que sempre foi considerado um curso muito bom, porém na perspectiva de uma formação tradicional, e nós aprendíamos as matérias de uma forma muito certinha, analítica, descritiva. Mas, na SAGMACS tinham os arquitetos que praticavam a Geografia a seu modo, mas que me levavam com eles a ir do presente ao futuro com muita facilidade e isso me fascinava! Eu os considerava uns malucos! Produziam mapas coloridos, lindos, mas que pouco tinham a ver com o que eu aprendia com meu professor de Cartografia, um rigoroso engenheiro cartógrafo, austríaco, formado para atender ao exército austro-húngaro!!!! Depois fui compreender o significado de ambas as cartografias, as normas e rigores cartográficos que nem sempre os arquitetos levam a sério... até hoje!

Agora, a relação da SAGMACS com o Movimento Economia e Humanismo se dava de uma forma muito séria, pelo fato de que a maioria dos personagens que lá trabalhavam tinham ido à Paris fazer o curso no IRFED (Institut de Recherche et Formation en vue du Développement Harmonisé). O Francisco

Whitaker Ferreira – o Chico – foi, era o nosso líder, era mais velho, coordenador técnico da maioria dos trabalhos realizados pela SAGMACS. Ele o Frei Benevenuto de Santa Cruz, meu saudoso e queridíssimo amigo eram os nossos “chefões”, função que exerciam com tamanho disfarce, que quem não soubesse não perceberia! Aprendi com essas pessoas que é possível fazer um trabalho rigoroso, politicamente interessado e sério, com bom humor! Tudo isso, busquei não perder na universidade que é o reino da disputa individual e do mal humor!!! Chico era o diretor técnico e o Frei Benevenuto – o “Bené” – como o chamei a vida toda, nosso diretor geral. Ambos de um humor refinado, que faziam das reuniões que pude assistir aulas maravilhosas de competência e bom humor, com todos os outros profissionais que lá trabalhavam, sobre os quais falarei mais adiante. Eles estão aí, todos, felizmente ainda vivos para testemunhar esse meu sentimento. Bené cuidou a vida toda e eu o acompanhei desde então, cuidando da Livraria Duas Cidades, uma dessas maravilhas que encantava e qualificava a vida intelectual da cidade de São Paulo...

Eu fiz o IRFED e continuei na França por mais 7 anos. Fiz parte da derradeira turma que foi aluna do Padre Lebret, no ano letivo de 1963/1964. Por isso acredito que desse grupo quem mais acompanhou o Lebret fui eu e o Chico, nos últimos dias de vida dessa ilustre figura do humanismo mundial. Para você ter uma ideia, quando ele precisava de alguém para secretaria-lo, auxiliá-lo com textos mais elaborados, ele pedia apoio para Madame Dupuy, que era bibliotecária, Editora da revista do IRFED e desempenhava o papel de secretária dele, especialmente, quando adoeceu e, para mim. Como estive perto dele e o acompanhei durante a doença, quando ficou hospitalizado no Hospital d’Alesia, perto da Cité Universitaire, próximo de onde eu morava, fui solicitada por ele, quando me ditou um primeiro rascunho de parte da “Encíclica da Vida Humana”, pois o Padre Lebret foi assessor direto de papas, à época de Paulo VI. Madame Dupuy adoeceu e eu a substituí durante dias...

L.C. Estamos falando então de 1966 quando o Lebret faleceu. A senhora estava acompanhando de perto ele no final da vida. É um vínculo bastante forte! Da SAGMACS a senhora já seguiu para cursar o IRFED e ficou estes quase sete anos na França então?

M.A.S. Sim. Eu fui da turma de outubro de 1963 a junho de 1964, do IRFED. Fui convidada pelo próprio Padre Lebret e por Pierre Monbeig para estudar na França, quando ambos, um dia apareceram na SAGMACS, para uma visita!

Como eu fiquei mais tempo na França, eu acabei convivendo mais com o Padre Lebret em Paris e seguindo os cursos no IRFED. Eram cursos que o Padre Lebret organizava sobre vários campos do conhecimento e de professores que ele chamava para dar uma conferência, quase que semanalmente. Por exemplo, o geógrafo Jean Labasse, que era importantíssimo na geografia francesa (então professor na “Science Po” Instituto de Ciências Políticas da universidade de Paris, onde eu assistia a disciplina que ele ministrava). Isso por que o padre Lebret tinha um quadro de professores e disciplinas que constituíam um ano de curso no IRFED, mas ele estabelecia convênios com professores de outros institutos! Foi assim também que eu assisti no Instituto de Demografia uma conferência com o famoso professor Alfred Sauvy que nos apresentava suas recentes (e conservadoras) concepções sobre a dinâmica demográfica. Enfim, nós assistíamos também cursos no ISST – Institut des Sciences Sociales et du Travail, com todo o pessoal que estava discutindo o cooperativismo porque era visto como uma forma de chegar e atuar nas ex-colônias da França. Aqui tomei contato com interessantes obras sobre cooperativismo, além de ter sido aluna do marcante Professor Joffre Dumazedier, mestre da sociologia do lazer, desde os anos 60, também grande amigo do Padre Lebret.

É dessa época também, como geógrafa, meu interesse pelas reflexões sobre o Espaço, feitas pelo filósofo Paul Ricoeur em Nanterre e pelo personalismo de Emmanuel Mounier, apresentados por colegas que faziam doutorados com ou sobre esses mestres! Sempre tive muita sorte na minha vida intelectual. Minha geração teve a oportunidade e a possibilidade de assistir aulas e conferências dos maiores geógrafos e intelectuais do século XX, como estudantes bolsistas em Paris! Eu não perdi nenhuma dessas oportunidades! Assim fui aluna de Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Henri Lefebvre, Michel Foucault, François Perroux, em cursos e conferências que ministravam no Collège de France ou em suas Escolas e Faculdades! E dos geógrafos, todos eles: Pierre George, Michel Rochefort, Yves Lacoste (jovem

e que nos dava trabalho de campo), Tricart, Bernard Kaiser, Madame Beaujeu-Garnier, Pinchemel, Jean Labasse e tantos outros...

L.C. Foi uma estada proveitosa então. Coursou não só o IRFED, mas também se aproximou da intelectualidade francesa. Mas no caso do Economia e Humanismo, dos adeptos do grupo de Lebret, como era esta formação dada pelo IRFED?

M.A.S. Era uma formação muito sólida, embora fosse um curso de especialização, ou como se diz hoje, pós-graduação lato sensu! O IRFED tinha quatro formações gerais que eram dadas em um ano de estudo, mas você tinha que fazer uma formação específica que te obrigava a se concentrar nela. As quatro formações eram: Planejamento Educacional, Planejamento Econômico, Planejamento Social e o Planejamento Territorial que era a formação para os planejadores, quem ia atuar no que aqui no Brasil era chamado de planejamento urbano e regional.

Dentro dessas formações nós tínhamos cursos de economia, curso de ética, tinha uma disciplina lindíssima que se chamava cultura e civilização que era para você conhecer a essência da sociedade que como planejador você iria intervir, estudava contabilidade, se chamava contabilidade nacional, hoje se chama finanças públicas, tínhamos estatística de alto controle, economia, economia e sociologia rural, análises econômicas e sociais "territorializadas", eu diria, ministrada pelo próprio Padre Lebret. Fomos a última turma para quem ele pessoalmente lecionou, pois depois adoeceu e veio a falecer em 1966 vítima de um câncer. E, daqui do Brasil, comigo fizeram o IRFED alguns colegas, dos quais me lembro, de Silke Weber, que sempre foi secretária de Educação em todos os governos de Miguel Arraes, em Pernambuco. Ela trabalhou junto com o Paulo Freire e fundaram, com outros pernambucanos ilustres a pedagogia do oprimido. No IRFED, Silke Weber foi aluna da formação em Planejamento Educacional.

O Planejamento Econômico era para aqueles que poderiam um dia vir a planejar a economia nacional de seus países. O IRFED formava quadros técnicos para os países subdesenvolvidos ou aqueles que acabavam suas guerras anti coloniais. O que era muito interessante naquela época, era o fato de que tanto o Padre Lebret quanto a própria instituição

IRFED, se preocupavam em selecionar pessoas que já tinham algum engajamento nos países de terceiro mundo, expressão que surgia na época.

Refiro-me, aqui, ao ano de 1963, quando eu comecei a fazer o IRFED em outubro daquele ano. Lembro-me muito bem que naquela turma tinha muitos colegas que vinham da África, para serem preparados tecnicamente para serem os quadros técnicos e políticos qualificados para os países que tinham saído das guerras coloniais. Lembro-me, com emoção, de três colegas argelinos que tinham acabado de sair da guerra, e que estavam lá para se preparar para voltar e assumir funções de Estado em seu país recém-libertado. A característica internacional e voltada para a formação de quadros para países pobres e recém-libertos o legitimava para receber jovens que acabavam de fazer uma guerra contra a própria França! Mas nossa vivência no IRFED naqueles tempos não era tranquila, pois éramos bem mais revolucionários do que a proposta política trazida pela "ideologia" do Movimento Economia e Humanismo, de um desenvolvimento "harmonioso" e solidário. Nisso nunca acreditei ou usei esses conceitos desde então, até hoje! Tristemente vejo que esses dois conceitos-obstáculo hoje tem outros nomes que da mesma forma atrapalham a crítica a exploração humana: a maldita sustentabilidade, inclusão social ou seja lá do que for e outras detestáveis metáforas...

Havia também a formação em Planejamento Social, que tirando aquela da Educação, considerada fundamental para o avanço de qualquer sociedade do mundo pobre, era onde eram tratados os aspectos de saúde, assistência social, cultura, que o Padre Lebret colocou magistralmente no seu livro "La Dynamique concrète du Développement", um, dos melhores e, ao que eu saiba, ainda não foi publicado em português. É um livro precioso, com aspectos válidos até hoje, onde ele ensina a fazer análises cruzadas, coisa que hoje se faz usando softwares que com poucos comandos apresentam complexidades, que outrora levávamos às vezes anos, para representar... Mas o que importava era o sistema de análise, como ele nos ensinava, ou seja, a teoria que o Movimento de Economia e Humanismo oferecia. Cristã e neoliberal é bem verdade, mas coesa e muito bem ensinada... Debatíamos e discutíamos muito, especialmente os colegas recém-saídos das guerras de libertação da África.

Mas, naquela época, esses ensinamentos eram muito importantes! Havia uns famosos gráficos que denominávamos “de borboleta” que eram uma espécie de representação gráfica e iconográfica da realidade. Eu achava essa forma de representação genial não apenas pela parte gráfica, mas porque na montagem do gráfico ficava explícita, pelas variáveis consideradas, a filosofia do Movimento “Economia e Humanismo” e a sua definitiva preocupação com os aspectos políticos e sociais, ainda que a seu modo. Mas o seu humanismo era inquestionável!

A formação que fiz, era o Planejamento Territorial, que aqui no Brasil sempre foi chamado de Planejamento Urbano e Regional, mas que na sua origem não tinha esta separação, por que nós aprendíamos a ser estrategistas territoriais.

Dentro dessa imensa formação tinha uma gavetinha pequenina que era a do Plano Diretor. Este, lamentavelmente, até hoje é considerado um plano do município ou da cidade, cujo produto é uma norma política, como sabemos, e que nem sempre tem a ver com a totalidade do uso do território do município por todos os seus habitantes. O grande produto do plano diretor, a Lei de Zoneamento, sabemos, reflete interesses poderosos e imutáveis na vida da cidade, desde sempre.

No entanto, desde que comecei a estudar esse tema no IRFED, o Plano sempre foi considerado como uma técnica, onde o difícil era exibir o que vinha antes, que eram as escolhas políticas, as diretrizes políticas, as prioridades territoriais.

Até hoje aqui no Brasil faz-se Plano Diretor sem território, mas apenas promovendo aquilo que venho chamando de “guerra das localizações”, “guerra dos valores do solo”, praticadas pelos especuladores imobiliários e fundiários os quais, na verdade mandam na cidade. Acoplado a essa guerra vive o romantismo da forma e da formalidade oferecida pelo racional funcionalismo que ainda predomina, mesmo conduzindo um pretensão discurso de esquerda, de vanguarda. Tristemente, a inspiração dos planos diretores ainda está em Atenas, em Londres, em Paris, ou mais recentemente, em Barcelona!

O Plano Diretor era uma questão de técnica para o Padre Le Bret, de fácil resolução. Difícil

era a montagem do pacto político a ser refletido tecnicamente pelo Plano!

Naqueles tempos, o curso era em tempo integral e ficávamos um ano inteiro estudando. Se compararmos com a aprendizagem de hoje, a formação do IRFED equivaleria a três anos de um curso de pós-graduação hoje, *stricto sensu*, porém sem a elaboração de uma dissertação ou tese. Realizávamos provas escritas, como mecanismo de avaliação. Era linha dura!

Mas eu aprendi muito no IRFED, onde a seleção dos alunos era rigorosa, trazendo para o curso pessoas já maduras, sensíveis aos trabalhos dos movimentos sociais, pois o problema do Instituto era formar gente para melhorar as condições de vida nos países pobres, de onde vinham os alunos.

Eu me lembro de dois colegas belgas e de um padre francês, padre operário, que frequentaram o curso comigo. Eles trabalhavam na África, e assim eram meus colegas, além dos africanos, africanos negros, africanos árabes, haitianos, gente de Santo Domingo, tinha muita gente da América Central que estava fervendo por causa da revolução cubana em andamento. Do Brasil éramos: três do nordeste, eu aqui de São Paulo. O ano era 1963 (outubro, pouco antes do golpe militar...) e acreditávamos que faríamos a revolução socialista, que nos parecia em marcha... Mas logo em seguida, quando fazíamos um estágio de Economia agrícola na Bretanha, de manhã, no dia 31 de março recebemos pelo rádio a informação do Golpe Militar..

Enorme emoção, pois o que nos unia, a todos os alunos era uma problemática de fundo, libertária. O golpe militar foi um choque para toda a turma.

O fato é que eu sou de uma geração que está na transição de uma universidade que era elitista para uma universidade mais popular de classe média. Eu estou nesta transição... Eu ainda peguei esta “universidade chique”! A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP era um reduto de “gente chique”, por quê? Porque formava professores e na época ser professor, no final dos anos 1950, dos anos 1940 o professor era uma figura prestigiadíssima.

No entanto, no curso de Geografia que eu fazia na USP tenho certeza de que fui a primeira pessoa que

¹ Bagrinho, como já disse anteriormente aqui, era o nome carinhoso atribuído aos estagiários da SAGMACS.

teve a coragem de dizer: eu quero ser professora, mas eu também quero ser planejadora. Mal sabia eu o que era isso! Apenas estava sendo introduzida na SAGMACS, nessa prática, como “bagrinho”¹!

Nem sabia como é que se fazia isso e por isso é que eu fui fazer o IRFED e fui uma geógrafa pioneiríssima! Sem formação específica em planejamento havia um ou dois geógrafos que se atreviam a participar das equipes multidisciplinares requeridas por essa prática. E eu acho que sem dúvida alguma eu sou a primeira geógrafa paulista, com certeza e, provavelmente brasileira, com formação de planejadora que trabalhou em planejamento no Brasil. Eu tive uma outra colega contemporânea, grande geógrafa carioca, que fazia geografia urbana e que trabalhou com planejamento: a Lyzia Bernardes que foi uma grande geógrafa com um trabalho importante, sobre a região metropolitana do Rio de Janeiro. Mas a Lyzia fazia análise geográfica. Ao que eu saiba, a não ser liderando trabalhos no Governo, na área de planejamento, ela nunca elaborou uma alternativa de futuro, como fiz em várias oportunidades, definindo políticas urbanas e regionais, para o Brasil, para o Estado de São Paulo, para a região Sul do Brasil, além de dezenas de Planos Diretores. E isso tudo eu devo a este curso que eu fiz lá no IRFED e também claro a formação que eu tive aqui, na SAGMACS, mesmo sendo “bagrinho”. Eu sempre sou muito atenta a qualquer processo de aprendizagem, até hoje.

L.C. Vamos voltar um pouquinho para situarmos melhor seu vínculo, e o curso no IRFED, pois o IRFED a senhora foi fazer já depois de ter atuado como estagiária, bagrinho do Lebret na SAGMACS não é? Já levou consigo um conhecimento sobre o método que a SAGMACS utilizava.

M.A.S. Eu me lembro, como se fosse hoje do Padre Lebret e do professor Pierre Monbeig entrando juntos na biblioteca do escritório da SAGMACS. Era ali que eu ficava, trabalhando, sob o comando naquela época do arquiteto Luiz Carlos Costa. Foi quando eu fui convidada pelo Padre Lebret e pelo Pierre Monbeig a continuar meus estudos na França, quando terminasse minha graduação. Levei a sério esse convite! Eu era estagiária da SAGMACS e os dois foram visitar frei Benevenuto, nosso líder na SAGMACS. Foi quando o Frei, como o chamávamos, me apresentou ao Professor Monbeig dizendo que

finalmente tinha na equipe uma geógrafa, ainda estagiária que estava interessada em prosseguir seus estudos sobre planejamento territorial. Foi então que o Professor Pierre Monbeig, fundador da USP foi à biblioteca me conhecer e me perguntou em que ano eu estava na Faculdade. Eu cursava o terceiro ano e então ele me disse: quando você terminar você me escreve, pois eu vou conseguir uma bolsa para você ir para Paris fazer o IRFED. Então ele chamou o Padre Lebret e me apresentou à ele dizendo que eu seria uma futura aluna do instituto. O Padre Lebret falou a mesma coisa, que quando eu terminasse para eu seguir para Paris para aperfeiçoar-me em planejamento. Levei tão a sério o convite que eu terminei o quarto ano em dezembro de 1962 e logo comecei a organizar minha viagem. E em novembro de 1963, segui de navio, o “Enrico C”, para Paris, com parada em Marseille.

O Padre Lebret me ofereceu uma bolsa de um comitê católico ligado aos padres jesuítas, que acolhia exilados políticos também, naquela época, chamado Comitê Católico contre la Faim e pour le Developpement. O Professor Monbeig me conseguiu uma bolsa depois, para fazer o mestrado com Celso Furtado e o doutorado inicialmente com ele (Pierre Monbeig), terminando com Michel Rochefort. Mas a primeira bolsa que eu tive na França foi o Padre Lebret quem me arrumou. E eu me lembro de que a Silke Weber, eu e os outros colegas do nordeste tivemos esta bolsa do comitê católico. Naquela época o Brasil não oferecia ainda bolsa de estudos. Existiam esse Comitê e o próprio Governo francês, oferecendo bolsas de estudos a estrangeiros. E eu me beneficieei delas, por isso sou grata ao povo francês até hoje por ter custeado meu doutorado.

Então eu sou uma cria da SAGMACS! Acho que sou a única cria jovem da equipe, fui estagiária, fiz o IRFED. Eu comecei como estagiária e fui seguindo, trabalhei no Plano de Governo do Ney Braga para o Paraná, um projeto de loteamento para São Vicente coordenado pelo arquiteto Flávio Villaça, um projeto para a fazenda da Yolanda Penteado em Araras, o Plano Diretor de Sorocaba... mas nessa minha época não tiveram muitos trabalhos assim feitos pela SAGMACS.

Quando eu voltei de Paris a SAGMACS já não atuava mais, já tinha tido o golpe militar de 1964 e foi uma história complicada, com alguns dos nossos

perseguidos pelos militares... O escritório estava fechado, mas alguns de nós, com a autorização do Frei usávamos o espaço. Levávamos trabalhos para desenvolver lá, utilizávamos a estrutura do espaço. O Vincenzo Bochicchio, meu colega e amigo da graduação era um cartógrafo, juntos lá fizemos o primeiro mapa da Grande São Paulo, editado pela Livraria Duas Cidades, um primor, que depois a Geomaps editou. Trabalhamos dois anos na produção dessa cartografia. O Bochicchio dava aulas, eu trabalhava na Secretaria de Planejamento durante o dia e, nas horas vagas e a noite, trabalhávamos no mapa, no escritório da SAGMACS, para segundo o Frei não deixa-lo totalmente fechado.

E esse mapa ficou lá na Livraria Duas Cidades, como um dos seus produtos à venda mas, serviu como prova para os agentes que foram prender o frei dominicano que era a conexão com o Carlos Marighela, que segundo a polícia, parece-me o contato era feito a partir da livraria! Foi uma enorme dor de cabeça, pois o nosso mapa foi usado como prova de que nós estávamos organizando a guerrilha urbana, imagine só!!!... Se não fora a amizade do Frei Benevenuto com o Alfredo Buzaid, Ministro da Justiça da ditadura, mas que era um grande intelectual, freguês da livraria, eu e meu amigo cartógrafo tínhamos sido presos, pois éramos os autores do mapa.

Guerrilha urbana, naqueles tempos sombrios!!! Na realidade, nós tínhamos feito um mapa para discutir o planejamento e a constituição da Região Metropolitana de São Paulo. Era um período que já se discutia isso, já se falava da instituição do GEGRAN, eu estava na Secretaria de Planejamento, trabalhando com o Luiz Carlos Costa, nós estávamos definindo a primeira divisão regional do estado de São Paulo, a criação do Grupo Executivo da Grande São Paulo – o GEGRAN, que deu origem a EMPLASA, tudo isso estava nascendo e tudo sendo feito a mão.

Os policiais baixaram na livraria duas Cidades em função da denuncia da conexão dos dominicanos com o Marighela. Achem um mapa, o primeiro feito para a região, cheio de informações estratégicas... Então, para ligar o mapa, com a livraria, com a Maria Adélia e o Bochicchio e guerrilha urbana foi um passo... Enorme susto levamos, todos... Inesquecível!

Eu me lembro de que em 1968, depois do AI 5, o DOPS invadiu a SAGMACS eu fui para lá, avisada pelo Frei, para tentar salvar o que dava do nosso acervo. Eu trabalhava no palácio do Governo e o Frei Benevenuto me ligou por volta de umas dezessete horas e disse que tinha a informação de que o DOPS iria invadir o escritório. Eu convidei o Bochicchio, que também era meu colega, tinha feito estágio lá também, mais três moças, não lembro mais quem e fomos para lá em quatro carros e tudo o que deu para retirar da biblioteca a gente tirou e eu levei para uma garagem na casa de uma tia minha que morava lá no Parque São Lucas, na Zona Leste de São Paulo. Esse material ficou por um bom tempo lá até que o Frei decidiu vender esse material para o Prof. Nestor Goulart Reis, então Diretor da FAU, que comprou para a Biblioteca da pós-graduação, tudo o que pudemos salvar.

L.C. O Lamparelli comenta que este acervo comprado pelo Prof. Nestor para a Biblioteca da FAU USP não era nem um terço do acervo que tinha na SAGMACS. A senhora disse que pegou o que foi possível. Mas houve uma preocupação de retirar livros que pudessem chamar mais atenção dos agentes do regime? Priorizou-se algo para ser salvo do acervo?

M.A.S. Não deu tempo! O Atlas de Favelas de São Paulo tinha ficado comigo porque era uma preciosidade, depois é que eu entreguei. Mas foi o que deu para salvar, nós fomos pegando, os arquivos, os projetos, foi o que deu tempo de pegar, tinha muita coisa que estava fechada. Da biblioteca eu peguei muita coisa, de projeto não levamos quase nada e nós saímos de lá e o DOPS entrou. Acho que nós levamos para fazer isso umas três horas, eram outros tempos, foi uma operação com um cara lá embaixo vigiando se o DOPS chegava, nós no 13º andar do prédio, aqueles elevadores que não andavam... um pesadelo... nós saímos de lá e a polícia chegou. Por pouco, pouco, não fomos pegos. Mas o Lamparelli tem razão. Ainda ficou um bocado de material que não deu para retirar. Não houve tempo...

L.C. Quando houve o golpe em 1964 a senhora cursava o IRFED. Alguns dos que se exilaram na França também cursaram o IRFED um tempo depois. Eu também me lembro de ter visto em Fontainebleau jornais da época, como se vocês estivessem acompanhando o que se passava por aqui.

M.A.S. Quando aconteceu o golpe em 1964 eu e a Silke Weber éramos da Ação Popular, juntamente com o Vinicius Caldeira Brant, o José Serra, a Maria do Carmo Menezes e seu marido Sergio Menezes, a Maria da Penha Vilela de Carvalho, que ficou em Paris e fez sua carreira como assistente de Paul Ricoeur e está lá até hoje...

Como disse anteriormente, e eu estava me lembrando de que em 31 de março nós todos que cursávamos o IRFED estávamos na Bretanha fazendo um estágio sobre os problemas das propriedades rurais. E eu me lembro que nós fomos nos deitar no 31 de março com a notícia do sucesso do comício da Candelária e então no meio da noite eu fui acordada por um amigo do Ceará, que depois atuou no Banco do Nordeste e ele batia na porta dizendo: Adélia, Silke acordem, acordem, acordem; e quando nós abrimos a porta ele disse: Jango caiu! Eu pensei, como assim Jango caiu? Os militares deram um golpe... Saímos todos correndo para Paris, interrompemos nosso estágio, e nos juntamos aos companheiros (da AP) que estavam já se mobilizando. Eles nos disseram alguns precisam ir para (o aeroporto de) Orly, "pois os exilados vão começar a chegar"...

Na noite no dia 1º de abril eu e mais alguns companheiros já estávamos em Orly recebendo as pessoas que começavam a chegar, sobretudo, das ligas camponesas que foram os primeiros. Chegavam lá famílias de camponeses inteiras pedindo socorro. Os franceses foram de uma generosidade e o Movimento Economia e Humanismo tinha uma respeitabilidade, uma capilaridade lá que ajudou muita gente também a se alojar.

Era difícil, pois tínhamos que instalar as pessoas que chegavam, arrumar emprego, arrumar comida... Mas eram os exilados de bases políticas, gente simples, estudantes secundários e universitários... Não era o Almino Afonso que eu fui receber, era gente que começou a chegar depois em 1966, 1967, antes da coisa piorar mais aqui, gente que tinha ido para o Chile e seguiu para a França depois... Dos geógrafos o Manuel Correia de Andrade, de Pernambuco chegou em 1964, o Milton Santos chegou em 1966.

Eu me lembro do Manuel Correia porque nós íamos juntos para o curso de Mestrado, que eu comecei a fazer em 1965 sob a orientação do Prof. Celso Furtado. O Professor Monbeig tinha me indicado

e o Celso Furtado me aceitou como orientanda. Eu tinha um material sobre o Paraná que eu acumulei durante o trabalho de "bagrinho" na SAGMACS, quando foi feito o Plano de Governo para o Ney Braga. Era um material muito bom e isso eu usei para o mestrado. Depois o professor Celso Furtado acabou orientando o Pedro Calil, apresentado por mim, fazendo uma bela tese sobre economia agrícola. Calil acabou ficando em Paris, fez o IRFED e acabou sendo um dos seus dirigentes, como também o Chico Whitaker. Mas já nos anos 70 se não me falha a memória...

L.C. Voltando para nosso tema e antes de avançarmos mais sobre a SAGMACS, a senhora mencionou a pouco do Lebret e o Monbeig entrarem juntos no escritório da SAGMACS. Comentou que quem fez sua indicação para o IRFED foi o Monbeig. Eu sei que há um vínculo entre ele e o Lebret, mas isso é institucional? Ele deu aulas no IRFED?

M.A.S. Tinham muitos professores universitários franceses que participavam do Movimento, na geografia tinha o Monbeig e o Jean La Basse que era de Lyon, vários professores da economia, o Jean Marie Albertini, professores da sociologia do trabalho, gente que trabalhava nos institutos e nas universidades de lá e que pertenciam ou eram ligados ao movimento.

Penso que no caso do Professor Monbeig pesava o conhecimento que ele tinha do Brasil, o fato dele ter estado aqui, já conhecia melhor e acredito que ele ajudou o Padre Lebret a se introduzir em alguns meios aqui no Brasil. Provavelmente pode ter sido o Professor Monbeig quem pode ter apresentado o Lebret ao pessoal do Estadão, que acabou fazendo um caderno especial do jornal sobre o estudo feito sobre as favelas de São Paulo! O Professor Monbeig ficou amigo dos Mesquitas, quando veio trabalhar na USP nos anos 1930 e foi a família que o acolheu aqui. Monbeig tem um filho que é afilhado do Julio Mesquita! Então eu acho que o fato do Monbeig ter estado aqui alguns anos antes, ele pode ter sido a pessoa que introduziu o Padre Lebret em alguns nichos da sociedade paulistana. Mas ele não deu aulas no IRFED pelo menos enquanto fui aluna. Ele estava sempre lá, contribuía, mas não dava aulas.

L.C. Dentro dessa questão dos seus colegas de IRFED, pensando que eram pessoas de países pobres

indo para Paris fazer o curso como é que se dava o financiamento das atividades do instituto? A senhora mencionou ter ganho uma bolsa de estudos financiada por um Comitê Católico. Estas bolsas eram para todos? Havia custos para os alunos? Como é que o Instituto se mantinha?

M.A.S. Parece-me que tinham organizações religiosas que financiavam, além dos trabalhos técnicos de consultoria realizados pelo próprio IRFED. O Comitê Católico dava a bolsa, como a que eu consegui, e acredito que o Padre Lebret conseguia algum dinheiro junto ao Vaticano, com a realização de trabalhos de assessoria. Mas era tudo muito simples também. O esquema do Padre Lebret era simples, ele conseguia as bolsas para as pessoas que iam para lá estudar de diferentes organizações, tinha formas de alojar os alunos e acho que ele conseguia algum apoio em alguns governos também.

Tinha também a Livraria que dava algum dinheiro, as edições Ouvrières eram muito comercializadas, tinham muito prestígio. Havia a Revista do movimento que também era bastante requisitada. Certamente o IRFED tinha que pagar os professores, mas era tudo muito simples, era uma sala pequena onde tínhamos aula, não tinha nada sofisticado. Mas nós, os alunos, não falávamos disso não, não dava para saber, pois cada um vinha de uma guerra de libertação, ou um lugar de extrema pobreza que era tudo muito tenso, as pessoas não conversavam muito ali.

Mas era muito interessante isso tudo, os alunos chegavam na França três meses antes do início do curso no IRFED e eram acolhidos num castelo, ficavam alojados lá, trancados por três meses só para aprender o francês. E não pagávamos nada por isso! Íamos para lá antes para aprender o francês e assim é que nos conhecíamos. E tinha gente de todo lugar que vinham para fazer o curso: tinham aqueles quem vinham de colônias inglesas, tinha colega da Ásia.

L.C. Agora poderíamos falar sobre uma questão de ideologia e posicionamento político da SAGMACS. É possível verificar que a SAGMACS atuou basicamente para o Poder Público e se olharmos os períodos veremos que há uma abertura em governos mais progressistas como aqui em São Paulo durante o Carvalho Pinto, o Ney Braga no Paraná, o Toledo Pizza na Prefeitura de São Paulo, em Belo Horizonte o Plano Diretor para o

Amintas, o Baltar em Recife também com trabalhos bem progressistas para o desenvolvimento regional. No Rio acredito que menos... A SAGMACS não estava mesmo vinculada politicamente a esses governos? Aos partidos mais à esquerda?

M.A.S. Não é que não estava vinculada politicamente. Isso não existe! O que havia era uma questão de convergências políticas, com algumas figuras ou alguns partidos, o que é diferente de hoje que há uma ligação direta de um contrato de consultoria com o partido e alguém do partido.

Naquele tempo não era assim, sendo a SAGMACS representante do Movimento Economia e Humanismo, para operacionalizar as ideologias humanistas em sua essência, combativas do problema da desigualdade, isso era uma novidade quando as discussões intelectuais no mundo se davam a partir disso e do terceiro mundo, isso vinha das reverberações da segunda guerra, a Europa ainda em reconstrução...

Então eu acho que a SAGMACS conseguiu realizar trabalhos, foi convidada a participar nos governos democrata-cristãos, onde teve, no caso do Ney Braga no Paraná. Aqui em São Paulo não tivemos esta experiência com os governos democrata-cristãos, quando eu estive lá. Aliás, nessa época, tínhamos em São Paulo pouquíssimos trabalhos. Lembro-me que, além do Plano de Governo para o Ney Braga no Paraná, trabalhei no Plano Diretor de Sorocaba, Barretos... Mas eram pouquíssimos, não foi muita coisa que a SAGMACS fez, se contar acho que não passam de vinte trabalhos! A SAGMACS deve ter durado uns quinze anos!!!

Havia também o projeto da Bacia do Tietê e antes disso tinha tido o governo Carvalho Pinto, que eu ainda era estudante, mas aí foi a mudança para o planejamento. O Governador Lucas Garcez contratou o trabalho para a bacia do Paraná-Uruguaí, intitulado "Necessidades e Possibilidades para o desenvolvimento da Bacia Paraná Uruguaí", ele conseguiu alguns trabalhos, viraram contratos. Mas eram pessoas, um grupo de Democrata-Cristãos mais esclarecidos que não tinham nada a ver com a esquerda não, eu acho.

L.C. A SAGMACS me coloca este ponto de indagação sobre a ideologia, ela começa com a vinda do Lebret

em 1947 a convite da Escola de Sociologia e Política, mas há quem aponte que também foi a FIESP que bancou a vinda do Le Bret para dar um curso de planejamento econômico e quando a SAGMACS é fundada ela vai trabalhar dentro do Jóquei Clube com o Lucas Nogueira Garcez e o Luiz Cintra do Prado que não eram pessoas nada progressistas.

M.A.S. Exatamente! Mas isso é transparente não é? Porque a Democracia Cristã não está ligada a esquerda, sempre esteve muito ligada as elites, ainda mais aqui. Mas é isso mesmo, começou com o Garcez, Jóquei Clube, depois é que começa a mudar, quando o Frei Benevenuto assume a direção e começa a trazer uma equipe bastante progressista. Não conheço bem esse início, pois já cheguei na Praça das Bandeiras. Ah, então, penso que a SAGMACS começa a se desvincular desses mandos, mas mesmo neste período tinha um debate interessante sobre o desenvolvimento e esta geração que eu peguei tinha o Chico Whitaker que me parecia à época o mais à esquerda, tanto que foi superintendente da SUPRA – Superintendência para a Reforma Agrária, no Governo Jango.

Mas apesar de tudo nós estávamos mais a esquerda do que qualquer outro movimento da época, tanto é que os que eram do movimento cristão e que mais se radicalizaram foram para a Ação Popular, isso foi o racha, por conta dos católicos que eram contra este conservadorismo.

Mas eu fui militar na AP lá em Paris, nem foi aqui... Mas eu fui amavelmente convidada a deixar a JUC porque eu havia participado de um comando de greve da Perus, cujo advogado era o Mario Carvalho de Jesus que participava as vezes da SAGMACS, de algumas reuniões, se não me falha a memória. Mas, na equipe tinha o médico João Yunes e o José Carlos Seixas, também médico e líder da JUC e que também eram do movimento. Nossa atuação na greve da Perus foi considerada um anarquismo inconsequente. Então deixei a JUC. Depois disso, na universidade eu fui me aproximando mais da POLOP (Organização Operária Marxista), com a Regina Toledo e o Eder Sader, que depois foi seu marido, o Fuad Saad, Mario Damato e tantos outros companheiros de política estudantil do Grêmio da Faculdade de Filosofia, na rua Maria Antonia. Mas jamais entrei nessa organização. Era amiga de muitos dos seus militantes. A POLOP era barra mais pesada, tanto que muitos dos nossos companheiros foram mortos.

L.C. Quanto ao catolicismo, isso é mais forte no grupo da SAGMACS que estava em São Paulo? É certo falarmos em equipe da SAGMACS de São Paulo, pois isso soa como se eu estivesse dizendo que houve várias vertentes dentro do grupo. Isso de fato existia? O que é que a diferenciava?

M.A.S. Talvez sim, isso porque o Dr. Baltar que estava em Recife, o pessoal do Rio, ligado ao Arthur Rios se não me falha a memória não tinha um frei na direção de forma ali tão direta como nós tínhamos o Frei Benevenuto em São Paulo. Embora o frei fosse muito esclarecido, sabia muito bem diferenciar isso, pois era muito inteligente e um grande intelectual. Dos melhores que conheci em minha vida. E extremamente crítico e rigoroso.

Mas eu acho que você tem que ver também o contexto da igreja católica, o momento que estávamos vivendo, tudo isso tem que ser colocado, porque naquele contexto este grupo nosso era um grupo católico de extrema esquerda... naquele contexto. Era uma igreja saindo do Pio XII, de um conservadorismo e começando o Vaticano II, com o João XXIII, aquela abertura toda e com a posterior chegada de Paulo VI. Naquela época era tudo muito cioso, solene, hoje mudou, mas a igreja foi se modificando, porque o capitalismo é de uma desfaçatez que ele vai detonando com tudo e até com aquelas estruturas que pareciam intocáveis.

L.C. Os trabalhos feitos pelas equipes dos grupos vinculados ao Movimento Economia e Humanismo como os que a SAGMACS faziam aqui no Brasil, a SAGMA lá na França, SAGMAESCO na Colômbia, etc, tinha algum monitoramento por parte do movimento? Havia um vínculo financeiro de cooperação, como valores enviados pelo movimento da França à SAGMACS no Brasil?

M.A.S. Que eu saiba não. Mas não conheço bem essa história. A SAGMACS se mantinha através dos contratos que estabelecia para realização dos trabalhos técnicos em planejamento urbano e regional e urbanismo. Eu nunca soube também de que nós tivemos que remeter nada para eles lá não. Havia um intercâmbio para fazer cursos nos diferentes países. De São Paulo foram arquitetos para a Colômbia, por exemplo fazer cursos sobre Habitação Popular!

Mas eram os contratos mesmo que mantinham as equipes. Mas na SAGMACS eu era “bagrinho”. Eu não participava dessas reuniões de decisão, depois que eu fui para Paris que eu me aproximei mais do Padre Lebret.

Aqui no Brasil, nossos dirigentes, além do Frei Benevenuto era o Celso Lamparelli, o Flavio Vilaça, a Clementina Ambrósio, o Antonio Claudio Moreira, o Chico Whitaker que sabiam melhor disso. Eu me lembro de alguns intercâmbios... acho que foi o Vitold quem buscou este intercâmbio junto com outros dois arquitetos formados pela FAU: o Paulão (Paulo Yazetti) e o Roberto Yazigi.

L.C. Por fim, gostaria que a senhora apontasse a partir de um quadro do que ocorria no campo das práticas profissionais dos urbanistas e dos órgãos que pensavam o planejamento na época, em que se diferenciou o trabalho da SAGMACS e o porque conseguiu se constituir a partir desta diferença. Há alguma influência da SAGMACS nas práticas do planejamento pós década de 1960?

M.A.S. Eu acho que foi um movimento importante para aquela época para dar uma conscientização sobre a questão da importância do planejamento, mostrou que o planejamento não é uma questão apenas técnica, é algo para se pensar no futuro das nações. O primeiro exercício de implantação dos princípios de planejamento, que vinga desta formação que nós tínhamos no IRFED, foi no governo Carvalho Pinto. Foram os princípios “irfedianos” que nortearam o grupo do PAGE – Plano de Ação daquele governo, um plano territorial. Se você pegar o plano do governo do Carvalho Pinto eles começam ali a instituir um instrumento que é “irfediano” que é o que eu segui pelo resto da vida e faço até hoje, onde o território não é apenas um enunciado, mas uma categoria de análise. Por isso falávamos em regionalização para descentralização e democratização de implantação de serviços, que hoje virou esta coisa de participação popular que está aí... com mais discurso do que ação.

Naquela época não! Tanto é que o Carvalho Pinto foi o primeiro governo a fazer uma divisão regional do Estado de São Paulo para efeito de planejamento. Depois, com esta experiência do PAGE, o Luiz Carlos Costa na Secretaria de Planejamento, nos anos 1960 fez o primeiro decreto de regionalização administrativa

do Estado de São Paulo, que o Carvalho Pinto não tinha feito. Esse governo havia feito a regionalização dos serviços. Já o Costa, como o chamávamos, quando eu trabalhei com ele neste projeto, cuidou de uma regionalização integral dos serviços, que naquela época nós acre-ditávamos muito, e hoje eu me revejo nisso... Nós errávamos por falta de formação teórica e filosófica mais aprimorada... Eu não tinha sido aluna do Sartre ainda, e por isso eu acreditava na busca da intersectorialidade, como busca da prática governamental. Essa coisa faria a articulação entre os setores do governo de modo a agilizar e melhorar a prestação dos serviços. Hoje eu sei que isso não existe, o que existe é a totalidade em movimento e quem expressa essa unidade e essa dinâmica é o território usado. O território, não o setor é quem deve ser considerado pelo planejamento. Trata-se de discutir o planejamento territorial versus o planejamento setorial.

Daquele trabalho coordenado pelo Luiz Carlos Costa na Secretaria do Planejamento do Estado de São Paulo sai a ação regional, e o primeiro decreto desta ação é de 1968, e este decreto consistia em lidar com a gestão pública de uma forma articulada, integrada, inter setorial, territorialmente falando. Depois veio a criação do GEGRAN e isso eu acho que é uma influência do Movimento Economia e Humanismo.

Mas, independentemente dos escorregões mais à direita, mais classistas, o movimento, para nós que estávamos na ativa, trabalhando nas coisas, não digo os dirigentes e os figurões, nós tínhamos uma concepção bastante avançada quanto a descentralização, participação e eu levei isso comigo para onde eu fui trabalhar pelo resto da vida.

Fui trabalhar no SERFHAU levei essas coisas, até verifiquei recentemente um Termo de Referência que eu fiz para Chapecó em 1969, que exigia reuniões populares, em Santa Catarina.

Foram das coisas que eu aprendi na SAGMACS, no IRFED, com o Padre Lebret.

Lembro-me de ter acompanhado o Padre Lebret em trabalhos de campo e reuniões no Senegal com plantadores de amendoim, para tentar ver se eles mudavam as tecnologias do plantio e poder ter maior rentabilidade. Ficamos por lá com ele três meses e não conseguimos mudar absolutamente nada

na cabeça dos pequenos plantadores. Era uma tribo muito fechada, que não queria mudar nada em sua cultura de plantio, pois assim faziam há séculos...

Desde então eu passei a ser crítica das teorias desenvolvimentistas, porque tecnicamente era fácil de mudar, mas de fazer as pessoas entenderem isso não era simples. As empresas podem fazer o que bem entendem. As pessoas não!

Ou você muda a cultura ou a economia te arrasa! Claro que mais tarde esta tribo deve ter entrado num processo capitalista de cultivo do amendoim, que arrasou com tudo. Mas a que preço? Se as pessoas não conseguem entender o que é o seu modo de ser, se elas não entenderem isso para elas mesmas fazerem a crítica e querer mudar, o que vier de forma diferente, como sempre se fez com o planejamento, não é aceito e o efeito é exatamente o contrário do que se diz e discursa. Basta olhar as cidades hoje, onde as periferias são carentes de tudo.

Mas os discursos dos planos, não! Neste sentido eu acho que nisso hoje, o novo conceito de lugar proposto por Milton Santos, como sendo um espaço do acontecer solidário, ajuda nessa perspectiva de lida, no planejamento com o conceito de espaço banal, proposto pelo François Perroux, que era do movimento Economia e Humanismo, embora com divergências com o Padre Lebret. Mas essa é outra conversa, com outro personagem que tenho usado na minha vida de planejadora nos tempos atuais.

Mas eu aprendi muito nessa escola da SAGMACS e do IRFED, que tenho levado adiante a vida toda, sempre renovando-a com novas aprendizagens, novas teorias, novos fazeres. Não sou nenhuma tecnocrata, pois aprendi que é preciso rigor no processo de conhecimento para ajudar as pessoas a serem melhores e que é a política quem faz isso!

Entendi que planejamento e política são irmãos siameses.

Figura: Maria Adélia Aparecida de Souza. Fonte: fotografia de Daniel Garcia.

